

RUA LIBERO BADARÓ

Decreto nº 6333 de 02-12-1980, Artigo 1º, Inciso 1
 Protocolado nº 33.219 de 27-11-1980 em nome de Pre-
 feito Municipal

Formada pela rua 2 do Jardim Alvorada

Início na avenida Ruy Rodriguez

Término na rua Amador Bueno da Veiga

Jardim Alvorada

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr.
 Francisco Amaral.

LIBERO BADARÓ

Giovanni Battista Libero Badaró nasceu em Laigueglia, próxima à Gênova, Italia, em 1798 e faleceu em São Paulo, a 20-09-1830. Médico, botânico, zoólogo, jornalista e professor, Libero Badaró estudou no Colégio de Gênova e na Universidade de Pavia. Atraído pelas ciências naturais, frequenta o curso de botânica do afamado cientista Antonio Ben- toloni, na Universidade de Bologna, passando depois para a Universidade de Turim, por onde se diplomou, em 1825, em Medicina e Cirurgia. Perseguido na Italia por suas idéias liberais embarca para o Brasil, chegando ao Rio em 1826. Após residir algum tempo no Rio vem para São Paulo, onde exerce simultaneamente o magistério, a clínica médico-cirúrgica e o jornalismo. Inteligência superior, poliglota, foi excelente operador e seu nome ligou-se à aplicação da vacina antivariólica em nosso meio. Na cátedra, obteve à título precário um cargo nos cursos jurídicos, lecionando geometria. Coerente às suas idéias políticas, Libero Badaró passou a militar ativamente no jornalismo, fundando o órgão liberal "Observador Constitucional". Sendo o redator principal do jornal e fiel aos seus princípios, o novo órgão da imprensa paulistana move franca e violenta campanha contra o governo imperial a par de outra favorável à liberdade de imprensa, justamente devido o outro jornal da capital "O Farol Paulista", ter o seu proprietário alvo de processo por abuso de liberdade de imprensa. Suas acusações são desassombradas, envolvendo até o ouvidor da Comarca, Candido Ladislau Japiassi, e Badaró recebe ameaças em cima de ameaças. Por volta das 22 horas do dia 20-11-1830, havendo encerrado seus trabalhos no jornal, segue Badaró despreocupadamente para sua casa, em busca de repouso, quando três indivíduos, sinistramente avançam em sua direção, assassinando-o friamente. Recolhido à sua cama e atendido por um cirurgião, Libero Badaró reconhece seu estado, percebendo estar chegando ao fim sua vida, pronunciando a renomada frase: -"Morre um liberal, mas não a liberdade".

RUA LIBERO BADARÓ

DECRETO N.º 33, DE 02 DE DEZEMBRO DE 1980.

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Município de Campinas:

- 1) — Rua "LIBERO BADARÓ" a Rua 2 do Jardim Alvorada, com início na Rua 1 e término na Rua 10 do mesmo loteamento.
- 2) — Rua "ERNANI MARONES DE GUSMÃO" a Rua 38 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, com início na Rua 37 e término na Rua 39 do mesmo loteamento.
- 3) — Rua "ABÍLIO JOSÉ DOS SANTOS" a Rua 42 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, com início na Estrada Municipal de Santa Lúcia, e término na Rua 35 do mesmo loteamento.
- 4) — Rua "ALBERTO MELO DA COSTA" a Rua 41 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, com início na Estrada Municipal de Santa Lúcia e término na Rua 1 do mesmo loteamento que se situa entre os quarteirões n.ºs 3550, 3551 e 3554 do cadastro Municipal.
- 5) — Rua "ADIR JORGE" a Rua 36 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, com início na rua 37 e término na rua 35 do mesmo loteamento.
- 6) — Rua "AGNALDO SATURNINO ROCHA" a Rua 8 do Parque Ipiranga - 1.a parte, com início na Rua 1 e término na Rua 9 do mesmo loteamento.
- 7) — Rua "ANTONIO ALVARES DA SILVA" a Rua 2 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, com início na Rua 37 do mesmo loteamento e término na Rua 4 do Jardim Alvorada.
- 8) — Rua "ABÍLIO FERNANDES" as Ruas 6 do Jardim Alvorada e 9 do Parque Ipiranga - 1.a Parte, com início na Rua 4 do Jardim Alvorada e término na divisa sudeste do loteamento Parque Ipiranga.
- 9) — Rua "GODOFREDO CERQUEIRA LEITE" as Ruas 9 do Jardim Alvorada e 14 do Parque Ipiranga - 1.a parte, com início na Rua 2 do Jardim Alvorada e término na Rua 12 do Parque Ipiranga - 1.a parte.
- 10) — Rua "ABEL ANTONIO MENDANHA" a Rua 1 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, que se situa entre os quarteirões n.ºs 3551 e 3552 do cadastro Municipal, com início na estrada de Santa Lúcia e término na Rua 23 do mesmo loteamento.
- 11) — Rua "ANANIAS HOLANDA DE OLIVEIRA" as Ruas 8 do Jardim Alvorada e 13 do Parque Ipiranga - 1.a parte, com início na Rua 4 do Jardim Alvorada e término na Rua 12 do Parque Ipiranga - 1.a parte.
- 12) — Rua "ANDRÉ DE SOUSA CAMPOS" as Ruas 1 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, que se situa entre os quarteirões n.ºs 3550 e 3551 do Cadastro Municipal, 4 do Parque Ipiranga - 1.a parte e 5 do Jardim Alvorada, com início na Rua 35 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte e término na divisa sudoeste do Parque Ipiranga - 1.a parte.
- 13) — Rua "ERNESTO NISTA" a Rua 54 do Jardim Novo Campos Elíseos" - 1.a parte, com início na Rua 23 e término na Av. 1 do mesmo loteamento.
- 14) — Rua "MARREY JÚNIOR" as Ruas 1 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, que se situa entre os quarteirões n.ºs 3549 e 3550 do cadastro Municipal e 37 do mesmo loteamento, com início na Av. 1 e término na Rua 1 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, que se situa entre os quarteirões n.ºs 3550 e 3551 do cadastro Municipal.
- 15) — Rua "BERNARDO IGNÁCIO" a Rua 3 do Jardim Alvorada, com início na Rua 1 e término na Rua 5 do mesmo loteamento.
- 16) — Rua "PROFESSOR GÉ BADARÓ" a Rua 35 do Jardim Novo Campos Elíseos - 1.a parte, com início na Rua Firacibaba e término na Rua 37 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 02 de Dezembro de 1.980.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário de Obras e Serviços Públicos

ENG.º DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

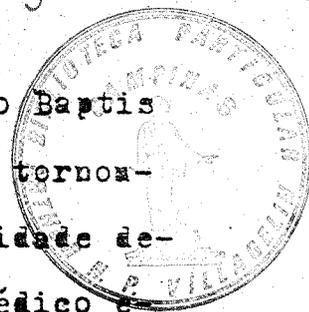
Redigido e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, com os elementos constantes do Protocolado sob n.º 33.219, de 27/11/80, em nome do Exmo. Sr. Prefeito Municipal.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

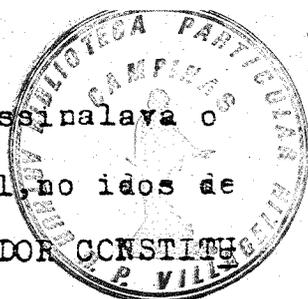


RUA LIBERÓ BADARÓ

João Baptista Badaró, conhecido historicamente como João Baptista Libero Badaró ou simplesmente Libero Badaró, que se tornou assunto obrigatório da história do Brasil, em sua qualidade de martir da liberdade de imprensa em nossa terra, foi um médico e jornalista estrangeiro, nascido em 1798 em Laigueglia, pequena vila marítima da ribeira ocidental da atual cidade de Gênova, Itália, então formando a República da Liguria. Por esse tempo estava a sua pátria sacudida por profundas dissensões políticas. Filho do ilustre médico e conceituado cidadão dr. André Badaró, cujo prestígio, por diversas vezes, lhe propiciara desempenho de cargos públicos, teve o jovem Badaró uma educação condizente com a sua posição e de seu talento digno e aplicado, com que foi dotado pela natureza. Bem cedo iniciou-se Badaró no estudo de línguas, notadamente latina, italiana, francesa e inglesa, para finalmente abraçar a carreira da medicina, tendo tirado grau de Doutor na Universidade de Pávia, confirmando na de Turim e finalmente revalidando o ao chegar ao Brasil. De todos os ramos de ciência que estudou mais profundamente foram as que mais aprenderam a sua atenção, a de zoologia e botânica, conhecendo-se em sua Bibliografia quatro trabalhos, pelo menos. Badaró era alto e magro, tinha a fronte bastante larga e as feições bem pronunciadas. A chegada de Badaró ao Rio de Janeiro, então Capital brasileira, ocorreu em 1826 ali morando até 5 de maio de 1828, quando embarcou para a cidade de Santos, qualificando-se como natural da Bardeña. Em São Paulo viu-se o moço italiano cercado de uma grande parte dos inúmeros talentos que então surgiam no horizonte brasileiro. Adeto do movimento liberal e republicano, Badaró sentiu-se atraído pelo jornalismo político, que desde sua origem alimentou os ideais demeritos românticos. Supõe-se que tivesse compromisso com maçonaria, ou mesmo com a ala radical das sociedades secretas, com os sanguinários carbonários. Em São Paulo, onde chegou em meados do ano de 1826, desembarcando em Santos, hospedou-se em casa do Deputado José da Costa Carvalho, natural da Bahia e como todos sabemos homem notável na sociedade brasileira, senhor de grande fortuna e fundador do primeiro jornal que circulou em São Paulo, o tão festejado O FAROL PAULISTA-



X. 29 R.



NO, que surgindo a 7 de fevereiro de 1827, também assinalava o aniversário do nascimento de seu redator principal, no idos de 1796. Pouco depois Libero Badaró fundava O OBSERVADOR CONSTITUCIONAL, cujo primeiro número tem a data de 23 de outubro de 1829, mudando se então para a rua Nova de São José, que atualmente tem seu nome, onde terminou trágicamente seus dias. Na então Capital da Provincia retomou os estudos de historia natural e antes de absorve se pela vida jornalística, os campos e os bosques eram seus passeios prediletos. Atendendo a um pedido de 1829 da Câmara Municipal de São Paulo emitiu parecer a respeito da mudança dos cemitérios para locais afastados da povoação. O Observador Constitucional foi o segundo jornal a circular em São Paulo. E fez progressos no jornalismo, destacando se entre seus trabalhos o que se refere a Liberdade de Imprensa. As vespuras de ser eliminado aparecia nas páginas de seu jornal de 17 de setembro de 1830, o ultimo desafio de Badaró: "aconteça o que acontecer, nossa vereda está marcada e não nos desviamos dela;:: não ha força no mundo que nos possa fazer dobrar, senão a da razão, da justiça e da lei." E as ameaças que vinha recebendo se transformaram em realidade e o dr. João Battista Badaró foi ferido de morte na noite de ²⁰30 de novembro de 1830, a porta de sua casa, expirando no dia seguinte. São Paulo, chocada pela triste situação, vibrou de indignação. E a paixão apodou se do povo. Os restos mortais do martir da liberdade de pensamento estão preservados, em bela sepultura, no Cemiterio da Consolação, como homenagem dos republicanos de 1889 ao companheiro tombado em plena luta. Em Laigueglia, onde nasceu, existe uma Biblioteca da familia com o nome de Corso Giobatta Libero Badaró. Ao despedir da vida, em meio de sofrimentos que ele como médico aceitava resignadamente como inevitável catástrofe deixou singela mas expressiva mensagem para a nova geração: "MORRE UM LIBERAL, MAS NÃO MORRE A LIBERDADE".

Denominação dada pelo Decreto 6333, de 02-dezembro-1980, à Rua Dois do Jardim Alvorada; com inicio na Rua Um e término na Rua 10 do mesmo loteamento.

Dec. 6333 - 02.12.80

X. 2º LG

(Denominação dada pelo Decreto 6333, de 02-dezembro-1980, à Rua 2 do Jardim Alvorada, com início na Rua 1 e término na Rua 10 do mesmo loteamento)

RUA LIBERO BADARÓ

Martir da imprensa livre, Libero Badaró foi morto traíçoeiramente há 130 anos

Transcorria o ano de 1826 e no porto do Rio de Janeiro desembarcava, certo dia, jubiloso e euforicamente jovial ante as esperanças de paz e prosperidade que se lhe deparavam no Novo Mundo, o imigrante genovês João Batista Libero Badaró. Não se tratava, na verdade, de um imigrante comum. Badaró vinha ao Brasil como cientista, atraído pelo estudo da flora e da fauna do Novo Continente.

Espirito lucido, versado nas ciencias naturais, Libero Badaró nascera em 1798, na vila italiana de Laigueglia, a oeste de Genova. Após cursar os primeiros anos de Medicina na Universidade de Pavia, tornou-se discípulo do prof. Antonio Bertoloni, catedrático de Botanica da Universidade de Bolonha. A 4 de agosto de 1825, recebeu em Turim o diploma de medico e cirurgião.

Liberalismo e Republica

Desde o principio do seculo XVIII as idéias liberais e republicanas se vinham generalizando no Brasil. De outro lado, aclamado após o "Grito do Ipiranga" a 7 de setembro de 1822 e se tendo feito coroar imperador a 7 de dezembro do mesmo ano, d. Pedro II perdia com rapidez a popularidade. O entusiasmo com que fora recebido o brado épico "Independencia ou Morte!" ia sendo suplantado pelo descontentamento, provocado não só pela dissolução da Assembléa Constituinte, como pela perseguição movida contra varias personalidades brasileiras illustres, entre as quais José Bonifacio de Andrada e Silva, "Patriarca da Independencia".

Foi, pois, num ambiente perturbado pelas paixões politicas, alimentadas pelos ideais liberais, em seu incoercível nascedouro, quatro anos depois da proclamação da Independencia, que o imigrante-cientista chegou a terras brasileiras. Durante algum tempo residiu Libero Badaró no Rio de Janeiro, de onde se transferiu para a capital da então provincia de São Paulo.

Na trincheira da liberdade

Temperamentalmente independente, por indole e convicção politica, João Batista Libero Badaró filiou-se, com todo o entusiasmo de sua crença democratica, à corrente liberal que preconizava para o Brasil, sua patria de adoção a autonomia e o direito de escolher por si proprio os caminhos do progresso e da soberania.

São Paulo de 1830 era certamente bem diferente da cidade dos arranha-céus de 1960. Naquele tempo, a rua Libero Badaró não passava de via esburacada e cercada de vielas que, à noite, envolvidas em escuridão espessa, não constituíam local indicado à permanencia, ou mesmo à simples passagem veloz, dos mais incautos. Chamava-se, então, rua São José.

Calixto GARCIA

Ao chegar a Piratininga, coerente com suas idéias politicas, Libero Badaró, além de exercer cumulativamente o magisterio e a clinica medico-cirurgica, começou a militar ativamente no jornalismo, fundando, como redator principal, o órgão liberal "Observador Constitucional". Fiel aos principios de seu fundador, o jornal movia franca e violenta campanha contra o governo imperial. Suas acusações dessombradas, que envolviam inclusive o ouvidor da Comarca, dr. Candido Ladislau Japiassu, tiveram profunda repercussão nos meios politicos e sociais da epoca.

Na calada da noite

Eram 22 horas da noite de 20 de novembro do ano de 1830. Tendo encerrado àquella hora os seus trabalhos no jornal, seguia Libero Badaró, despreocupadamente, pela rua São José, em busca de repouso. Subitamente, de um canto onde se encontravam à espreita, três individuos de compleição robusta avançaram sinistramente em sua direção, assassinando-o friamente.

Segundo consta, caído em plena rua, pronunciou Libero Badaró estas ultimas palavras: "Morre um liberal, mas não morre a liberdade!"

No dia seguinte, alvoroçava-se todo o povo da provincia e

ninguem-mantinha duvidas a respeito de quem fora o mandante do hediondo crime, cujos executores eram três mercenários alemães. O ouvidor Candido Ladislau Japiassu, temeroso ante a vigorosa onda de protesto popular, que ameaçava culminar numa vindicta coletiva contra sua pessoa, refugiou-se incontinenti na casa do comandante das Armas. Tal foi a furia da multidão — que se dirigiu à residencia do comandante, exigindo a entrega do ouvidor para que fosse justicado — que essa autoridade se viu forçada a officiar ao Conselho do Governo, solicitando permissão para municiar convenientemente as tropas de polvora e balas, tendo em vista "a efervescencia de uma parte do povo".

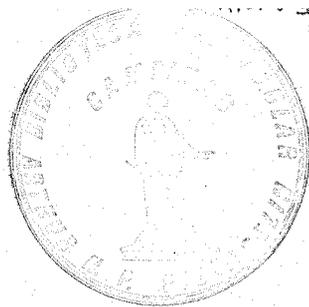
No cemiterio da Consolação

Contudo, não registram os anais da historia, ao que se sabe, nada que indique tenham sido o rancoroso ouvidor e seus cúmplices, autores da criminosa emboscada, condenados à expiação do crime. Apenas por uma ata da sessão extraordinaria de 22 de setembro de 1830, do Conselho do Governo, fica-se sabendo que, tendo este recebido do Juiz de Fora officio em que comunicava haver o ouvidor da Comarca, Candido Ladislau Japiassu, sido pronunciado na devassa sobre o assassinio de Libero Badaró e solicitava o pronunciamento do Conselho sobre o procedimento que deveria ter para com o réu, "depois de longa reflexão sobre materia de tanta importancia, resolveu-se que se officiasse ao mencionado Juiz de Fora dizendo-lhe que mandasse executar a pronuncia e que ele remetesse ao ouvidor a nota, que a Constituição e a lei determinam, e depois de ultimada a devassa fizesse dela remessa ao tribunal competente."

O corpo de João Batista Libero Badaró fora sepultado após sua morte no cemiterio da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. No dia 24 de novembro de 1839, porem, por iniciativa da colonia italiana, os seus restos mortais foram trasladados para rico mausoléu, erigido em marmore branco, na necropole da Consolação. Por sua vez, a Camara Municipal de São Paulo, logo apos a proclamação da Republica, resolveu denominar "Libero Badaró" a antiga rua São José, em homenagem ao bravo jornalista italiano, cruelmente assassinado.

(Folha de S. Paulo, de 20-11-1960)





Libero Badaró

A 20 de novembro de 1830 foi assassinado em São Paulo o jornalista liberal João Batista Libero Badaró, nascido na vila italiana de Laigueglia, a oeste de Genova, em 1798. Após cursar os primeiros anos de Medicina na Universidade de Pavia, tornou-se mais tarde discípulo do prof. Antonio Bertoloni, catedrático de Botânica na universidade local. Em Turim, a 4 de agosto de 1825, recebeu o diploma de médico e cirurgião. Atraído pelo estudo das ciências naturais, interessaram-lhe particularmente a flora e a fauna do Novo Continente, o que o animou a vir ao Brasil, onde chegou em 1826. Depois de residir algum tempo no Rio de Janeiro, veio para São Paulo, passando a exercer simultaneamente o magisterio, a clinica medico-cirurgica e o jornalismo. Fundador de "O Observador Constitucional", dedicou-se à propaganda das idéias liberais, através de campanhas que tiveram profunda repercussão no meio social da época. Com isso provocou as iras do ouvidor da comarca, Candido Ladislau Japiagu de Figueiredo e Melo, que o mandou assassinar por dois apaniguados. Consta que foram suas ultimas palavras a celebre frase "Morre um liberal, mas não morre a Liberdade".



ram profunda repercussão no meio social da época. Com isso provocou as iras do ouvidor da comarca, Candido Ladislau Japiagu de Figueiredo e Melo, que o mandou assassinar por dois apaniguados. Consta que foram suas ultimas palavras a celebre frase "Morre um liberal, mas não morre a Liberdade".

(FOLHA S. PAULO - 20. NOV. 1964)

20-11-1958



1830 — A porta de sua residência à rua São José, hoje Libero Badaró, às dez horas da noite, dois indivíduos desconhecidos atacavam a tiros de pistola a João Batista Libero Badaró, sudito italiano, formado em medicina. Dois anos antes, inteligente e habil. Badaró havia aberto consultorio e clinicava largamente; dava também aula publica gratuita e publicava uma folha periódica "Observador Constitucional" na qual, em estilo mordaz profligava as idéias dominantes e o procedimento de funcionários publicos. Não tendo sucumbido imediatamente, declarou o jornalista, logo socorrido, que os assassinos eram dois alemães e se aproximaram dizendo-lhe que queriam entregar-lhe uma correspondencia contra o ouvidor Candido Japiassu, para ser divulgada no "Observador". Espalhou-se, pois, a noticia que Japiassu havia sido o mandante e toda a cidade agitou-se extremamente, ao ponto que o ouvidor correu a refugiar-se na casa do comandante militar: "o povo, em magotes, rompeu de todas as partes em busca dos agressores e os animos se exaltavam e o furor popular crescia, homens armados de pistolas e facas, como desesperados — diz o documento — faziam temer uma quase convulsão geral na Capital, mas, não foi necessario o emprego da força". Presos os assassinos, três alemães, e instaurado o processo, foram eles condenados e Japiassu, a principio pronunciado, afinal nada sofreu. Badaró, levado ao hospital, como médico que era, reconhecendo-se perdido, não quis ser operado, mas, ajuntando as forças, disse: "Morre um liberal, mas não morre a liberdade!" e expirou. Essas palavras estão gravadas em seu túmulo. Em 1889, a Camara Municipal resolveu denominar Libero Badaró, a rua São José, onde residia o desditoso médico e jornalista.

(DIÁRIO DA NOITE - SP)

20. NOV. 1958



Libero Badaró

PROF. CARLOS DA SILVA LACAZ

Giovanni Battista Libero Badaró — médico, botânico, zoólogo, jornalista e professor nasceu em Laiguellia, na costa da Liguria, filho de um médico que havia desempenhado cargos de relevo em seu país. Estudara no Colégio de Gênova e na Universidade de Pavia. Em seguida, atraído pelas ciências naturais, frequentara o curso de botânica do afamado cientista Antonio Bertoloni, na Universidade de Bolonha, passando posteriormente para a Universidade de Turim por onde se diplomou em 1825 em Medicina e Cirurgia. Perseguido na Itália, por suas idéias liberais embarcou para o Brasil no ano seguinte. No Rio de Janeiro passou a frequentar a livraria de Evaristo da Veiga, conhecedor da língua italiana e mais tarde presidente da província de São Paulo. Segundo Franco Cenni, no Rio, Libero Badaró, viveu de forma obscura, alternando os poucos afazeres de uma clínica semideserta com excursões nos arredores da cidade, à procura de novas espécies de plantas tropicais. Apresentado por Evaristo da Veiga a Costa Carvalho, que se tornou logo seu amigo, no mês seguinte viajava para São Paulo. Aluga, então, uma casa térrea, à rua Nova de São José que, em 1880 deveria receber o seu nome. Neste modesto prédio, Libero Badaró abre o seu consultório médico, lecionando também matemática. Torna-se popular na pequena cidade provinciana. Mas Libero Badaró começa a se insurgir contra as manobras do gabinete secreto que açulava o despotismo do Imperador. Na cátedra — obteve a título precário um cargo nos cursos jurídicos (lecionava geometria) e no jornalismo no "Observador Constitucional" defendia os seus ideais liberais, o que ele chamava de liberdade do povo até o sacrifício.

Duilio Crispim Farina, nosso colega e amigo, profundo conhecedor da historiografia médica, retratou em belas páginas a vida do médico Libero Badaró, vítima de uma emboscada na noite de 20 de setembro de 1830 por facinoras sicários de políticos inconformados com o êxito de sua pregação. Socorreu-o o cirurgião-mór Joaquim Antonio Pinto. Deitado sobre sua cama, alagada de sangue, no restante final de sua vida, pronunciou a renomada frase: "morre um liberal, mas não a liberdade".

Inteligência superior, poliglota, botânico, médico, matemático, foi operador de larga clientela e seu nome ligou-se à aplicação da vacina antivariólica em nosso meio.

Alto e magro, Libero Badaró possuía suíças largas a descer-lhe pelas faces, sempre de óculos, parecendo idoso, embora seus olhos tivessem o brilho inconfundível da mocidade.

O enterro de Libero Badaró, contam os seus biógrafos, foi feito a braços, ao anoitecer do dia seguinte, da rua Nova de São José para a Igreja do Carmo. Concorreu enorme multidão. Testemunhas oculares afirmam que durante mais de 40 anos nunca assistiram a um saimento fúnebre tão concorrido, tão solene e tão repassado da mais pungente dor. Disseram os contemporâneos que, quando o féretro chegava à Igreja do Carmo, o cortejo ainda continuava a se formar, perto da casa da antiga rua São José.

Logo após o enterro, o povo levantou-se, clamando vingança, exigindo castigo para os assassinos. O ouvidor da Comarca — Candido Ladislau Jupiassú, indicado como mandante, teve sua casa assaltada, conseguindo fugir para o Rio de Janeiro. O alemão Henrique Stock foi preso e condenado, confessando o delito antes de sua morte e pedindo perdão. Logo após a proclamação da República seus despojos foram transladados para o Cemitério da Consolação.

Esses são alguns aspectos da vida de Libero Badaró, que poucos sabem ter sido médico, homenageado pela cidade de São Paulo com o nome de uma importante via pública de nossa Capital.

(Extraído do jornal
"Folha de S. Paulo"
de 22-agosto-1976)



(Decreto nº 6333 de 02-12-1980, Inciso I)

GIOVANNI BATTISTA LIBERO BADARÓ, nascido em Laigueglia, na costa da Liguria, filho de um médico que tinha desempenhado cargos de relevo, estudara no Colégio de Genova e na Universidade de Pavia. Atraído pelas ciências naturais, frequentara o curso de botânica na Universidade de Bolonha para passar depois para o curso de medicina na Universidade de Turim onde se formou em medicina e cirurgia.

Perseguido por suas idéias liberais, resolveu embarcar para o Brasil em 1826. No Rio de Janeiro, viveu de forma obscura, alternando os afazeres de uma clínica quase deserta com excursões nos arredores da cidade à procura de novas espécies de plantas.

Amigo de Evaristo da Veiga que o apresentou a Costa Carvalho foi convencido por este último a viajar para São Paulo onde foi residir na rua do Ouvidor, hoje José Bonifácio.

Assim que lhe foi possível o jovem médico alugou uma casa térrea, na rua Nova de São José, que, em 1830, deveria receber o seu nome. Era um prédio modesto, quase defronte à descida que passaria a ser a atual ladeira Dr. Falcão Filho, onde Giovanni Battista Libero Badaró abriu consultório médico, lecionando também matemática.

Durante uma epidemia de varíola, imunizou muitas pessoas e tratou de numerosos doentes, tornando-se bastante popular em toda a cidade. Tornou-se conhecido entre os habitantes e estudantes como "João botas" por usar sempre esquisitas botinas de canos altos.

Libero Badaró, obteve, a título precário e sem qualquer remuneração, uma cátedra nos cursos jurídicos, admitido como professor de geometria em substituição a um titular que havia preferido ficar junto à Corte.

Suas aulas eram das mais frequentadas, não porque naquele tempo os estudantes tivessem queda especial pela matéria mas porque embora ainda não dominasse perfeitamente o português e liberal inflamado dava vazão a seu entusiasmo pelos novos princípios.

"O OBSERVADOR CONSTITUCIONAL"

Libero Badaró havia fundado também um jornal, o segundo a ser editado em São Paulo, o "Observador Constitucional", impresso na Tipografia Patriarca, de propriedade de Costa Carvalho, cujo primeiro número tinha aparecido em 23 de outubro de 1820.

A sentença de morte de Libero Badaró, um estrangeiro cujas qualidades eminentemente humanas tinham impressionado profundamente o espírito livre dos paulistas, estava lavrada já no primeiro número do jornal, quando se declarou pronto a dizer — "muito francamente o nosso parecer, tanto em louvor como em contrário, sem por is-

so darmos nossas palavras por Evangelhos, ficando cada um livre de combater a nossa maneira de pensar, sendo que cada um pensa como sabe e como pode".

Naquela mesma ocasião o jornal "O Farol Paulistano" estava sendo processado por abuso da liberdade de imprensa. O "Observador Constitucional" tomou, imediatamente, posição a seu lado, sustentando o direito da crítica que deveria ser assegurado à imprensa.

LIBERO BADARÓ DEFENDEU A LIBERDADE DO POVO ATÉ O SACRIFÍCIO

Da Itália vinham os ecos das lutas carbonárias. Mazzini pregava: "A humanidade é um gran exercito que marcha à conquista de terras desconhecidas, contra inimigos potentes e capazes. A cada um é confiado um lugar, cada um tem uma operação para executar, e a vitória comum depende da exatidão com a qual as diversas operações serão levadas a termo. Que ninguém abandone a bandeira que Deus lhe deu".

E Libero Badaró defendeu a sua, a bandeira da liberdade do povo até o sacrifício. Em setembro de 1830 recebeu um aviso de se precaver, pois corria perigo de vida. E o que muitos temiam, aconteceu, às 10 horas da noite de 20 de novembro de 1830 à porta de sua casa.

PREMIADO O ASSASSINO

No correr do mês de novembro, chegou à freguesia do Brás, na chacara de Justiniano de Mello Franco, o tenente de caçadores Carlos José da Costa, vindo por terra do Rio de São Paulo, para executar a "sentença" sob promessa de ser promovido a capitão. Não conhecendo Libero Badaró, pediu a Mello Franco que lhe emprestasse um menino para apontar o condenado. Negado o pedido, conseguiu como cúmplice o alemão Henrique Stock. Na noite de 20 de novembro os dois encapuzados, colocaram-se junto à casa de Libero Badaró e que ficava na rua São José.

Quando chegava Libero Badaró o alemão chegou-se a ele e disse algumas palavras em voz

alta: "Sr. dr. Badaró, quero que V. S. ponha na sua folha o ouvidor Japi Assu que me lesou em um negocio de farinha de trigo".

"Amigo é um pouco tarde, para tratarmos disso. Venha segunda-feira e então arranjaremos".

"Pois virei".

— "Bem, então boa noite".

Depois dessa troca de palavras o matador levantando, por baixo da japonsa a pistola já engatilhada disparou um tiro que atingiu o baixo ventre da vítima.

Calu Badaró ferido de morte.

A notícia do atentado correu a cidade toda. O povo aglomerou-se à porta da casa e o cirurgião Joaquim Antonio Pinto mal conseguiu passar entre a multidão. Deitado sobre a cama alagada em sangue, com a palidez da morte no rosto suave, ele ouvia cada vez mais indistinto o murmuro do povo. Suas últimas palavras: "Eu morro pela liberdade". Em mim acharão os liberais exemplo e deixem que os corcundas, sós, usem de meios tão próprios de seus sentimentos vis; o homem só deve marchar com a lei". E no instante final, dizia: "Morre o homem, mas fica a liberdade".

REPERCUSSÕES PROFUNDAS

Aquele crime não poderia deixar de repercutir profundamente na opinião publica de todo o país. A crise política vinha se agravando, e os jornais livres do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas não se cansavam de apontar Giovanni Battista Libero Badaró como um homem que se sacrificara heroicamente na defesa dos mais puros ideais da liberdade.

Em fins de 1830, algumas semanas depois do acontecimento, D. Pedro I, confiando que sua presença pudesse reavivar entusiasmos e reafirmar seu prestígio resolveu visitar a província de Minas Gerais. Nas cidades e vilas onde seu nome era pronunciado com reverência, celebravam-se exequias fúnebres em honra de Badaró. Comemorações político-religiosas da morte de Libero Badaró realizavam-se também em centros menores. A morte de Libero Badaró, Ouro Preto então sede do

governo da Província, ficou devendo a fundação de sua Biblioteca Publica.

Logo após a proclamação da Republica, poucos dias antes que por iniciativa dos jornalistas italianos, se efetuasse com grande pompa a transladação de seus despojos para o cemiterio da Consolação, foi mudado o nome da antiga rua São José que passou a ser Rua Libero Badaró.

(Extraído do "Diário da Noite" (SP) de 02-06-1965, pág. 16.)

29 caderno, Edição Especial à Itália)